



Vol. 25, nº 02 (2023)

DOI: 10.30681/issn22379304v25n02/2023p75-90

## DORORIDADE NEGRA: DIÁLOGOS ENTRE A *NEGRA* E PRETA SUSANA

\*\*\*

## BLACK DORORITY: DIALOGUES BETWEEN A *NEGRA* AND PRETA SUSANA

Paulo Eduardo Bogéa Costa<sup>1</sup>

**Recebimento do Texto:** 20/06/2023

**Data de Aceite:** 17/07/2023

**RESUMO:** Esta pesquisa procura refletir sobre os diálogos entre a obra *A negra* (1923), de Tarsila de Amaral, que revive o mito da negra na formação do povo brasileiro, que foi criada a partir de histórias contadas pelas empregadas negras da fazenda, e a personagem Preta Susana, do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, que foi uma dessas mulheres escravizadas nas casas grandes. Por certo, ambas as caricaturas mostram a mulher negra atravessada pelo racismo e pelo sexismo, pelas tentativas de silenciamento e pela solidão que as afetam. Dessa forma, utilizaremos o termo dororidade (PIEDADE, 2019), que expressa a força da irmandade das dores vivenciadas nas trajetórias individuais das mulheres negras. Ou seja, as mulheres negras enfrentam ideologias semelhantes em realidade distintas. Logo, a investigação prosseguirá por meio de debates em torno dos eixos raça e gênero, propondo uma discussão crítica interseccional que permitirá compreender as relações entre sexismo e racismo, atuando como um agente transformador. Portanto, este artigo abordará as opressões enfrentadas pelas mulheres negras, analisando as diversas violências vividas, apresentando o feminismo negro, que se alia ao conceito de dororidade para compreender e fortalecer as lutas, combatendo as opressões e dores que as negras trazem consigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dororidade. Mulher negra. A negra. *Úrsula*. Preta Susana.

**ABSTRACT:** This research seeks to reflect on the dialogues between the painting *A negra* (1923), by Tarsila de Amaral, which revives the myth of the black woman in the formation of the Brazilian people, created from stories told by black farm maids, and the character Preta Susana, from the novel *Úrsula* (1859), by Maria Firmina dos Reis, who was one of these women enslaved in the big houses. Certainly, both caricatures show black women crossed by racism and sexism, by attempts to silence them and by the loneliness that affects them. We will therefore use the term dorority (PIEDADE, 2019), which expresses the strength of the sisterhood of pains experienced in the individual trajectories of black women. In other words, black women face similar ideologies in different realities. Therefore, the investigation will continue through debates around the axes of race and gender, proposing a critical intersectional discussion that will allow us to understand the relationships between sexism and racism, acting as a transforming agent. Therefore, this article will address the oppressions faced by black women, analyzing the various forms of violence they experience, presenting black feminism, which is allied to the concept of dorority in order to understand and strengthen struggles, combating the oppressions and pain that black women bring with them.

**KEYWORDS:** Dorority. Black woman. The black woman. *Ursula*. Preta Susana.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL-UNEMAT). E-mail: paulo.bogea@outlook.com.br



## Introdução

Ao reivindicar nossa diferença enquanto mulheres negras, enquanto amefricanas, sabemos bem o quanto trazemos em nós as marcas da exploração econômica e da subordinação racial e sexual.  
(Lélia Gonzales)

A condição feminina no Brasil é extremamente difícil, uma vez que essas mulheres são submetidas a regras que as limitam, que as tornam sujeitas fragmentadas. Isso se dar desde o período do Brasil Colonial, onde as mulheres eram controladas de forma rígida pela mentalidade da época repleta de mitos e superstições, que resultaram na invisibilidade delas, sobretudo as mulheres negras. Por elas sofrerem o processo de estigmatização social em volta do racismo e do sexismo.

A situação das mulheres negras na sociedade, especialmente na esfera política do Brasil, é uma consequência direta da forma como as camadas sociais estão organizadas, tornando os aspectos raciais e de gênero elementos fundamentais na pirâmide social. De acordo com Letícia Azevedo (2019), as mulheres negras são base dessa pirâmide, fundamentais para a criação do território recém-descoberto, mas tiveram um papel pouco relevante ou quase inexpressivo no contexto social, porque eram submetidas ao controle das mulheres brancas controladas pelo poder masculino.

Dáí percebemos uma disparidade entre ser mulher branca e ser mulher negra. Dessa forma, Vilma Piedade (2019), consoante as ideias oriundas do Black feminis (Feminismo Negro), questiona se o termo “sororidade”, usado para retratar a irmandade entre as mulheres, questionado seu uso para retratar a irmandade entre as mulheres negras. Que irmandade é essa que maltrata seus pares? Dessa forma, Piedade (2019), pensando no sofrimento dessas mulheres, cria o termo dororidade.



O termo dororidade focado nas vivências das mulheres no Brasil ajudará criar um diálogo entre as obras *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis e *A negra* de Tarsila de Amaral. Nesse sentido, essa pesquisa é uma forma de avultar a história das mulheres do Brasil, que permaneceu escondida por um longo período. Também irá mostrar que o dia a dia era agitado e ativo diferente do que era dito pela história, onde as mulheres eram objetos que qualquer um poderia manipular, sobretudo, as negras que eram escanteadas tanto pelo poderio do homem como da mulher branca.

Preta Susana é a primeira personagem negra da literatura brasileira a contar sua própria história no capítulo nove do romance *Úrsula*, que foi publicado 1859 pela “Typografia do progresso” no Maranhão, sob a assinatura de uma escritora maranhense, seu primeiro e único romance. Maria Firmina dos Reis foi descendente de africanos nascida em 11 de outubro de 1825 em São Luís, capital do Maranhão. Também foi professora do ensino básico e publicou poesias e contos, sendo *A escrava* um dos mais conhecidos contos dela.

*A negra*, um quadro bastante conhecido no mundo, foi pintada em 1923 por Tarsila de Amaral, no período nomeado como Escola modernista no Brasil. A artista nasceu na fazenda São Bernardo, localizada em Capivari, interior de São Paulo, em 01 de setembro de 1886. A herança dos seus pais, José Estanislau do Amaral Filho e Lydia Dias de Aguiar do Amaral, lhe permitiu concluir os estudos em Barcelona, na Espanha, onde pintou o seu primeiro quadro, Sagrado Coração de Jesus, aos 16 anos. Em 1920, frequentou a Academia Julian, escola de pintura e escultura, em Paris. Além disso, estudou com Émile Renard. Em 1922, teve uma tela sua admitida no Salão Oficial dos Artistas Franceses. No mesmo ano, voltou ao Brasil como membro do Movimento Modernista, com Anita Malfatti,



Menotti del Picchia, Mario de Andrade e Osvaldo de Andrade, o chamado Grupo dos Cinco.

Este trabalho será dividido em três partes: a primeira abordará o contexto da mulher no Brasil colonial, com foco na figura da mulher negra; a segunda, abordaremos as questões de dororidade apresentadas nas duas obras, e suas possíveis diálogos; e, por fim, a terceira parte será dedicada às considerações finais sobre o trabalho desenvolvido. Desejamos que você aproveite a leitura.

### **Mulher no Brasil Colonial**

A concepção predominante do capitalismo, juntamente com o racismo e patriarcalismo, é alvo de diversas críticas, uma vez que, durante a colonização, a ideia de segregar as mulheres foi a base para a construção de uma sociedade estruturalmente desigual. Dada a ocupação colonial e os quase quatrocentos anos de regime escravista, temos testemunhado um intenso processo de exploração e opressão contra a população negra, em geral, mas, particularmente, contra as mulheres, que sofrem diversas violências, violações e invisibilidade sexista, além de preconceitos de classe.

Para Leila Algranti (1992) em sua tese sobre a mulher no Brasil colonial, há duas principais maneiras de ver a mulher nesse período: uma delas foi questionar o estereótipo de ser fechada e religiosa, enquanto a outra foi considerar a mulher como parte integrante da família. A pesquisadora sustenta que não é possível contar a história da mulher colonial apenas sob a perspectiva das mulheres que resistiram aos mecanismos de dominação social da época, sob o risco de criar imagens polarizadas.



Dessa forma, os estudos de Lélia Gonzales (2020) a respeito da condição feminina no sul global, mas especificamente no Brasil, nos permite examinar as contradições internas e reconhecer as profundas diferenças de gênero que constituem o projeto do patriarcado. Conforme os seus estudos, percebemos que, por muito tempo, a mulher não foi pensada interseccionalmente. Evidenciado no romance *Úrsula*, onde Preta Susana já criticava a ideia de que as mulheres são usadas como escravas, salientando as diversas formas de ser mulher. Não obstante, obra *A negra* também destaca a mulher que ainda sofre com o processo de escravização, mesmo na pseudo ideia do pós-abolicionismo, mostrando, de fato, como é ser mulher brasileira.

Dessa forma, decorrente da formação socio-histórica fundamentada no modelo escravista patriarcal, percebemos o reflexo das desigualdades relacionadas às vidas das mulheres. Sendo as mulheres negras e indígenas as primeiras a serem escravizadas. Sob essa perspectiva, o racismo e o patriarcado são elementos fundamentais do capitalismo, que serviram e ainda servem às formas de opressão, exploração e dominação, sobretudo entre aqueles identificados por sua raça e sexo. Por isso que, Del Priore (1993, p. 25) ressalta a importância em:

[...] destacar que parte do contingente feminino, a quem tanto o Estado quanto a Igreja ultramarina se dirigiram, recomendando que se casasse e constituísse famílias, chegava aos homens pelo caminho da exploração ou da escravização, acentuando, assim, nas suas desigualdades, as relações de gênero. Tais diferenças foram importantes na constituição dos papéis femininos e serviram para a fabricação de estereótipos bastante utilizados pela sociedade colonial e mais tarde incorporados pela historiografia.



Tanto Del Priore (1993) como Gonzales (2020) chama a atenção para os papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade, mostrando que esses papéis não foram determinados por elas. Ao contrário, durante o período colonial, não tiveram a oportunidade de expressar a sua intenção de integrar-se à sociedade. O protagonismo das mulheres tornou-se raro na sociedade, o homem, com o seu poder hegemônico, criou uma forma de ser mulher, a submissa e dona de casa. A pior consequência desse cenário foi a rivalidade entre próprio gênero, o que fez com que as mulheres brancas se julgassem superiores às outras. Dessa forma, as negras e as indígenas foram submetidas a um duplo silenciamento: o de raça e o de gênero.

O entendimento da exploração de classe no Brasil, portanto, não pode desconsiderar a exploração da população negra e indígena na economia colonial do país, desenvolvida pelo trabalho forçado e relações de apropriação sobre o corpo e a vida desses povos, destacada e diferenciadamente sobre as mulheres que, além do trabalho forçado, tiveram seus corpos apropriados para exploração sexual (CISNE E SANTOS, 2018, p. 100):

Nesse sentido, a partir da ingressão dos portugueses ao litoral brasileiro, as mulheres indígenas começaram a ser abusadas sexualmente pelos viajantes e colonos. As mulheres negras que chegaram ao Brasil nos séculos XVI e XVII também enfrentaram uma situação semelhante à das indígenas, talvez até pior, já que não tinham conhecimento geográfico do país e não sabiam como fugir. As negras eram trazidas para o Brasil em navios para serem escravas nas fazendas e nas cidades, onde também eram postas para trabalhar como prostitutas.

As mulheres negras que trabalhavam para as senhoras brancas, tiveram seus corpos mutilados e seus filhos utilizados como mercadoria,



enquanto eram obrigadas a amamentar os filhos dos brancos. Além disso, elas tinham que trabalhar de graça, que de acordo com Del Priore (2000) no seu livro *Mulheres no Brasil colonial*, foi o ponto de partida para a expansão colonizadora em terras inferiores numa estrutura mercantil. Por isso, é importante lembrar que as diferenças de sexo, raça e classe podem afetar as experiências de forma diferente entre cada pessoa.

As mulheres negras trabalhavam principalmente na cozinha da Casa Grande e eram tratadas da mesma maneira que os homens no trabalho braçal, mesmo quando estavam grávidas ou amamentando. Além de trabalharem intensamente, as escravas sofriam abuso sexual por parte dos senhores, capangas, feitores e visitantes nas propriedades rurais. A cerca disso, Angela Davis (2016, p. 25) afirma que:

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas.

As vivências dessas mulheres reafirmam a existência de uma rede de dispositivos repressores que se entrelaçaram à colonização e eram muito mais poderosos, por tratarem elas como animais. A mulher era considerada um objeto, que, após um longo período de uso, deveria ser descartado. Contudo, como já foi afirmado, o rendimento da mulher cativa é “consideravelmente mais elevado do que a do escravo, por ser a negra utilizada como trabalhadora, como mulher, e como reprodutora de força de trabalho” (SAFFIOTI, 1976, p. 90), por isso que era mais compensativo comprar mulheres como escrava.



É relevante salientar que, de acordo com Patricia Collins (2015), a escravização é uma instituição patriarcal que se fundamenta no poder do homem branco proprietário, assegurando a autoridade masculina em todas as esferas sociais. Sendo assim, durante o sistema escravista, as mulheres brancas também eram subjugadas pelo patriarcado, sendo consideradas posses dos pais, seguidas pelos maridos, passando por experiências de exploração e submissão, sem o direito à convivência social. Elas ainda tinham a missão de preservar os costumes europeus, exigindo os princípios de paciência, gentileza e delicadeza.

### **Dororidade: elo entre mulheres negras**

Como foi destacado no tópico anterior, é relevante ponderar sobre as dores que as mulheres negras enfrentam com o racismo, sexismo, tentativas de silenciamento e a solidão que afeta a sobrevivência em uma sociedade dominadora. A personagem Preta Susana, em seu discurso, demonstrará com clareza as dores que seu corpo sofreu durante o processo de escravização. Não obstante, a pintura *A negra* de Tarsila de Amaral mostra a profundidade dos estigmas da escravização no corpo da negra, ou, como diz Vilma Piedade (2019), do corpo preto. Por isso, a necessidade do feminismo negro assumir a liderança das mulheres negras, evidenciando os laços que as unem, “porque o feminismo pretende que as Mulheres ocupem os espaços de poder instituídos” (PIEADADE, 2017, p.13).

O termo dororidade criado por Piedade (2019) é o elo entre as mulheres negras, que se estabelece através do corpo, da mente e da alma, que carrega toda a força e as dores enfrentadas em suas trajetórias individuais como mulheres negras. Dessa forma, as duas obras aqui



analisadas, *Úrsula* de 1859 e *A negra* de 1923, mostram esse vínculo entre dois corpos, com suas intersecções que nem mesmo o crono pode apagar e que ainda são, de forma profusa, feridas.

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, mulheres Pretas tem um agravo nessa dor. A pele Preta marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados (PIEDADE, 2019, p.17).

O trecho acima observa a diferença entre ser mulher branca e ser mulher negra, já que, conforme narrado na história, os corpos negros sempre foram mais prejudicados pela estratificação. É possível notar isso nas obras de Tarsila de Amaral, que retrata *A negra* sob uma perspectiva mais abrasileirada, utilizando técnicas cubistas e surrealistas, aprofundando o conhecimento sobre o corpo humano em processo de sobreposição de poder. Já Maria Firmina, ao permitir que Preta Susana expresse seu processo diaspórico, evidencia, como afirma Antônio Candido (2006), que não há como separar a arte das vivências sociais.

A partir das ideias de bell hooks (1995), Preta Susana é exemplo de como a diáspora e a transmutação moldam o corpo negro e, ao transmutar, atravessa territórios negros divididos pela diáspora. Evidenciado quando Preta Susana narra que os bárbaros no processo diaspórico "sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão [...]. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava - pátria, esposo, mãe e filha e liberdade! (REIS, 2018 pp. 180 -181). Preta Susana teve o corpo, a mente e a alma dilaceradas, seu corpo já não lhe pertence, agora pertence ao



capital de Portugal. A representação desse corpo dilacerado é representada pela pintura *A negra*.

**Figura 01.** *A NEGRA*, 1923, óleo sobre tela, 100x80 cm, (P049), Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, SP.



**Fonte:** <https://acervo.mac.usp.br/acervo/index.php/Detail/objects/17156>

A imagem evidencia a força física negra, líder do trabalho manual no Brasil, caracterizado pelo seu corpo exagerado, pernas e braços em uma posição escultural. A expressão corporal e a cabeça oval sugerem uma certa patogenicidade em relação à trajetória intelectual do povo afrodescendentes, que representa sua posição social como trabalhador rural. Este corpo revela todo processo de subjugação que a mulher negra sofreu. Tendo a única opção nesse processo, se conformar.

Os homens consideravam as "pretalhonas", que tinham peitos grandes, com áreas afrodisíacas no corpo, como atraentes para o trabalho doméstico. Porque, "as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. [...] as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas" (DAVIS, 2016, p. 26). Sendo assim, é impossível analisar a realidade de forma crítica sem levar em conta as relações sociais de gênero, raça/etnia e classe de forma integrada.



Após abolição da escravidão as pessoas ainda mantinham essa estrutura, mesmo que nivelada. *A negra* de Tarsila é uma representação dessa situação, pois a pintura mostra uma mulher que ainda mantinha laços com a escravidão. Não porque as pessoas desejassem, mas porque ainda não conseguiram se libertar completamente, uma vez que ainda são afetadas por um "sistema de exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo" (SAFFIOTI, 1987, p. 60), que sustenta a violência, a desigualdade e as opressões.

*A negra* revela signos de momentos histórico apresentado por Preta Susana, uma vez que “A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade fora sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades” (REIS, 2018, p. 181). Tarsila apresenta, para o público parisiense, uma figura negra que embora de maneira sutil apresentasse as marcas da violência. Também mostrou o que o processo diaspórico pode fazer com uma pessoa, tirar sua liberdade e a desconfigurar.

– Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria às descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: – uma filha, que era a minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido,



Vol. 25, nº 02 (2023)

essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, pp. 179 -180).

Preta Susana demonstra preocupação com a expurgação da sua liberdade. Isso ainda ocorre na sociedade atual, onde mulheres negras, ainda têm sua liberdade ameaçada pelo poder masculino. É imprescindível refletir sobre esses conceitos que Preta Susana ressalta para desconstruir uma doxa sexista e racista na sociedade desde o Brasil colonial. A abolição ainda não foi concluída, 135 anos depois da Lei Áurea, demonstrando o quanto o racismo impede a mobilidade de pessoas negras, enquanto o sexismo impede a mobilidade de mulheres, e enquanto o racismo e sexismo impede a mobilidade da mulher negra.

Por isso que o termo sororidade derivado de sóror-irmãs, não dar conta das vivências das mulheres negras, uma vez que seus pares se unem devido à dor. Assim, o termo dororidade, que atua como um agente transformador, estimula uma discussão sobre raça e gênero e classe com uma análise crítica interseccional que permitirá compreender as conexões entre sexismo e racismo. Além disso, apresenta diálogos e questionamentos, demonstrando a relevância de reconhecer as especificidades das mulheres negras enquanto indivíduos pertencentes a uma sociedade racista e sexista. Da mesma forma que surgiram os homens que roubaram Preta Susana de seu país, surgem homens que violam a liberdade das mulheres, às vezes chegando a extremos, matando-as.

Diante disso, "despertaram no coração da velha escrava uma recordação dolorosa; soltou um gemido magoado, curvou a fronte para a terra, e com ambas as mãos cobriu os olhos" (REIS, 2018, p. 179). A dor que ninguém podia sentir por ela, e essa mulher negra e pobre já não



sonhava mais com a liberdade. Essas palavras expressam o sentimento de dororidade, por conterem as sombras e o vazio do racismo devido à ausência de sororidade para com ela.

Dororidade. Sororidade. A Sororidade ancora o Feminismo e o Feminismo promove a Sororidade. Parece uma adequação simples, mas nem sempre é assim que funciona. Apoio, união e irmandade entre mulheres impulsiona o movimento Feminista. Mas, pode surgir questões como: O conceito de Sororidade já da conta de Nós, Jovens e Mulheres Pretas... ou não? (PIEDADE, 2019, p. 16)

O trecho salienta que durante muito tempo, as dores experimentadas por Preta Susana, representada no corpo d'A *negra*, foram completamente ignoradas e esquecidas até mesmo por mulheres. Dessa forma, o termo Sororidade não contempla de forma satisfatória todas as experiências vividas pelas mulheres negras, uma vez que elas estão mais ligadas à dor do que à irmandade. Uma dor que vem sendo construída desde a escravidão, deixando profundas marcas, como destaca Preta Susana e sendo visível na pintura *A negra*.

### **Considerações Finais**

Ao chegarmos a esta etapa, onde concluiremos o que dissemos ao longo deste trabalho, queremos enfatizar a relevância de pensar o modo de ser da mulher negra. Isso será feito a partir de uma perspectiva profeminista, uma vez que não temos conhecimento vivencial de como uma mulher negra se comporta. No entanto, considerando a importantíssima ideia de dororidade, cunhada por Vilma Piedade (2019). Ainda ponderamos



a grandeza da representação artística por parte de Maria Firmina dos Reis, mulher negra, e Tarsila de Amaral, mulher latino-americana.

Como foi mencionado neste trabalho, as mulheres negras passaram por diversos processos de submissão ao poder masculino e branco, incluindo as mulheres brancas. A personagem Preta Susana expressa as dores desde processo diaspórico até sua morte no Brasil. A *negra* representa a mulher negra latino-americana, Preta Susana, que ainda sofre com a tradição do sistema tríade Capitalismo-Patriarcalismo-Racismo. A partir dessas conjecturas, percebemos que o termo sororidade não está presente nas vivências das mulheres negras.

Assim sendo, as conexões interseccionais, tais como raça, classe e gênero, foram utilizadas para compreender a realidade de ser mulher, negra ou branca, rica ou pobre, magra ou gorda, entre outras características. Para finalizar, enfatizamos a relevância do Feminismo Negro, apontados aqui por Angela Davis, Lélia Gonzales, bell hooks, Del Priore e Patrícia Collins, pois, a partir de mulheres negras, começamos a pensar nessas questões.

Dessa forma, chegamos à conclusão de que o termo mais adequado para essas experiências é dororidade, uma vez que ele abrange todo o processo de ser mulher negra no Brasil. Todavia, é importante salientar que esse termo não é exclusivo para as experiências das mulheres negras também pode se adequar a outras realidades. Mas, o termo foi criado com base nas experiências das mulheres negras.

## Referências

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas**: mulheres da colonial; estudo sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do sudeste 1750-1822. 1992. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São



Paulo, 1992. doi:10.11606/T.8.1992.tde-13092022-104820. Acesso em: 2023-06-26.

AZEVEDO, Letícia. **A luta e a resistência da mulher negra no Brasil**. Universidade Estadual do Sudeste da Bahia, 2019. Disponível em: <http://www.uesb.br/noticias/a-luta-e-a-resistencia-da-mulher-negra-no-brasil/>. Acessado em 28 jun 2023.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. *Rio de Janeiro*: Ouro sobre Azul, 2006. 200 p.

CISNE, M.; SANTOS, F. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

COLLINS, P. H. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: COLLINS, P. H. **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo, condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Olympio, 1993.

DEL PRIORE, Mary. **Mulheres no Brasil colonial**. São Paulo, Contexto, 2000.

GONZALEZ, Lélia. 2020. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. Tradução de Marcos Santarrita. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 1995

PIEADADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

REIS, M. F. **Úrsula**. Porto Alegre: Zouk, 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.